

Bloco de Notas

Guerra das Estrelas

Numa altura em que os Estados Unidos acabam de falhar um teste que envolvia a interceptação de um míssil intercontinental com uma ogiva nuclear simulada por um míssil antibalístico, e em que Bill Clinton está a ser pressionado para adiar a adopção da sua versão da Guerra das Estrelas, vale a pena ler o artigo escrito por Michael O'Hanlon na *Foreign Affairs* de Novembro/Dezembro. O'Hanlon analisa os argumentos dos defensores e dos críticos do sistema de defesa antibalística, sobretudo em relação ao mais polémico Nacional Missile Defense (NMD), destinado a interceptar mísseis de longo alcance. Reconhece razão aos defensores quando estes alertam para a possibilidade de países como a Coreia do Norte poderem em breve ser capazes de atingir o território americano com os seus mísseis. Mas admite que os críticos têm razão ao sublinhar os inúmeros problemas técnicos que o sistema enfrenta, e que necessariamente o fragilizam, e os riscos de que a adopção do programa tenha consequências negativas na relação com a Rússia. O autor defende um debate menos emotivo sobre o assunto e, acima de tudo, a integração do programa num "pacote de iniciativas relativamente à Rússia" para acalmar os receios de Moscovo. ■



O "estável desequilíbrio" da Rússia

Apesar de o Ocidente ter tentado acreditar que sim, a verdade é que nos últimos 10 anos a Rússia não se transformou nem num Estado de direito nem numa economia de mercado regulamentada, afirma a politóloga Marie Mendras, especialista em questões russas, no número 107 da revista *Le Debat* (Nov/Dez 1999). Foram criadas regras, foram estabelecidas leis, foi aprovada uma nova Constituição. Mas, para os russos, a democracia continua a resumir-se a um único acto: votar nas eleições. Todo o restante sistema funciona à margem, com regras próprias, que se caracterizam por serem indefinidas, difusas, adaptáveis, sujeitas a interpretações conforme as necessidades do momento. A vida política e económica está dominada por um "pacto de elites", mas, explica Mendras, é toda a população que aceita viver gerindo esta cómoda indefinição de normas e leis. Assente nesta cumplicidade tácita entre as elites e o povo, a Rússia vive num "desequilíbrio estável" – um estado que a autora explica detalhadamente neste excelente texto. ■



Coordenação: Alexandra Prado Coelho

O assassinio de Patrice Lumumba

Lugo de Witte, um perito flamengo em questões africanas, acaba de publicar em França o seu livro "L'assassinat de Lumumba" (ed. Karthala), em que faz várias revelações sobre a cumplicidade directa do Governo belga na execução do primeiro-ministro do Congo Patrice Lumumba, em 1961. Os EUA consideravam Lumumba um simpatizante comunista e é conhecido o envolvimento da CIA nos planos para o matar. Mas, explica De Witte, dada a fraca capacidade americana para operar no terreno no Congo, foi a Bélgica que avançou. Preso pelas forças do coronel Mobutu (que viria depois a governar o país, rebaptizando-o como Zaire), Lumumba foi atacado na presença de oficiais belgas, torturado numa residência vigiada por tropas belgas e, finalmente, fuzilado por um pelotão supervisionado por um capitão belga. ■



Itália e os párias

A Itália estabeleceu no dia 4 de Janeiro relações diplomáticas com a Coreia do Norte e defende, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros Lamberto Dini, que "a instauração de um diálogo regular poderá facilitar a abertura da Coreia do Norte aos outros países da região". Esta medida insere-se, segundo o *Corriere della Sera*, numa política muito clara por parte de Roma, que pretende servir de ponte entre a Europa e alguns dos países mais controversos e isolados na cena política internacional. Uma política que levou Itália a aproximar-se do Irão, a ser o primeiro país a receber o Presidente chinês Jiang Zemin no seu périplo pela Europa, e a enviar Dini à Líbia apenas 24 horas depois de ter sido suspenso o embargo imposto pela ONU. ■

A influência de Sandy Berger

Não é Madeleine Albright, a secretária de Estado norte-americana, quem define ou influencia de forma decisiva a política externa dos Estados Unidos. É o cada vez mais omnipresente conselheiro de Bill Clinton para a Segurança Nacional, Samuel "Sandy" Berger, garante o *New York Times*, que cita diferentes responsáveis do Governo e peritos em política externa. Sobretudo nos últimos seis meses, Albright praticamente eclipsou-se e tem sido Berger a definir a política americana em todos os principais *dossiers*, desde a adesão da China à Organização Mundial do Comércio até à posição de Washington face à guerra russa na Tchetchénia. ■

